



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 6

Nó em fio d'água

Giovana Girardi: Oi, eu sou a Giovana Girardi e esse é o sexto episódio de Tempo Quente, um podcast original da Rádio Novelo.

E se você tá me acompanhando aqui toda semana – o que eu sugiro fortemente que você faça, pra tudo fazer mais sentido – cê deve tá lembrado que o episódio passado foi um pouco diferente.

A gente falou sobre um capítulo recente da política ambiental brasileira que podia ter mudado o rumo de como o Brasil enfrenta a crise climática.

Natalie Unterstell: ...então a gente poderia ter feito desse limão ter feito uma bela limonada, uma bela caipirinha, porque se a gente tivesse estabelecido prioridades...

Giovana Girardi: "Poderia ter feito", "se tivesse estabelecido"... mas não fez, não estabeleceu, né?

Essa é a Natalie Unterstell, uma das coordenadoras do Brasil 2040, um projeto que foi encomendado em 2013 pelo governo federal pra ser engavetado sem explicação menos de 2 anos depois.

Natalie Unterstell: Eu acho que o caldo entornou porque quando você juntava Belo Monte no governo Dilma, tudo estava posto ali pra

proteger esse investimento. Era a menina dos olhos dela, então qualquer pedra ia ser retirada do caminho.

Giovana Girardi: E tinha muita "pedra" no meio do caminho de Belo Monte.

Natalie Unterstell: Vamo lembrar que Belo Monte já estava sendo contestada naquele exato momento por várias outras razões. A gente estava dando um argumento adicional do porquê não fazer aquele tipo de hidrelétrica naqueles lugares, com aquele tipo de tecnologia.

Giovana Girardi: "Aquele tipo de hidrelétrica, naqueles lugares, com aquele tipo de tecnologia". Lembra que no primeiro episódio aqui do Tempo Quente eu te pedi pra imaginar uma usina de geração de energia no país?

E que eu apostei que você ia imaginar uma hidrelétrica, e não uma usina de carvão?

Isso porque a maior parte da matriz elétrica do Brasil é de origem hidrelétrica. Eu passei a vida inteira ouvindo que o Brasil tem "vocaçãõ" pra hidrelétrica – e isso sempre fez muito sentido, porque o Brasil tem a maior concentração de água doce do mundo!

E que sorte! Porque água é de graça, né? E, além de tudo, as hidrelétricas geram energia limpa!

Você já deve ter ouvido alguém por aí se gabando disso. Reina por aqui a ideia de que o Brasil é o país que mais colabora pro combate às mudanças climáticas porque a gente tem energia limpa – ao contrário da maioria das grandes potências, que dependem de combustíveis fósseis.

Então, pelo menos no quesito eletricidade, a gente nem precisa se esforçar muito pra tá alinhado com as demandas da crise climática global. Ou pelo menos era isso que a gente pensava até pouco tempo.

O lance é que sempre fez sentido – até agora. E a gente já começou a ver, no episódio passado, que talvez não faça mais. Pelo menos não do mesmo jeito.

Hoje a gente vai falar de uma usina hidrelétrica específica – ela mesma, Belo Monte – e como ela foi pra frente, mesmo com todos os prognósticos dizendo que ela ia dar muito errado.

E, olha... que Belo Monte foi uma escolha errada... isso é a opinião de muita gente. Até o maior defensor de hidrelétricas que eu conheço tem reservas quanto ao resultado da obra.

José Goldemberg: Eu acho que o que ocorreu em Belo Monte acabou virando um... teatro do absurdo, né?

Giovana Girardi: Esse é o físico José Goldemberg, que se dividiu a vida toda entre

a academia e a atuação na política pública. Ele é ex-reitor da USP, ex-presidente da Fapesp e também já foi secretário estadual e federal de meio ambiente.

O Goldemberg engrossa o coro da hidrelétrica como 'vocação nacional'.

José Goldemberg: Olha, Giovana... os países, é... todos, ao longo do tempo, exploravam os recursos naturais que são mais disponíveis para eles, né? Então, por exemplo, a Inglaterra, que é um país onde há muito poucas montanhas e poucos rios... utilizar energia hidrelétrica estava fora de questão. E aqui no Brasil, é evidente, não é mesmo?

Giovana Girardi: É evidente. Mas mesmo acreditando na "vocação", ele tem consciência de que esse cenário já tem mudado bastante.

José Goldemberg: Há 25 anos atrás, a fração da eletricidade que vinha de hidrelétricas aqui no Brasil era de 80%. Hoje, é aproximadamente 60%. E, agora, vai ser reduzida pra 48%.

Giovana Girardi: O Goldemberg destacou uma das razões pra queda da participação das hidrelétricas na matriz elétrica do Brasil.

E, não, não foi a crise hídrica.

José Goldemberg: Porque, desde aquela enorme controvérsia que ocorreu em torno de Belo Monte, as usinas hidrelétricas no Brasil passaram a ser construídas praticamente sem reservatórios.

Giovana Girardi: Usinas hidrelétricas "praticamente sem reservatórios".

Vamo dar um passinho pra trás aqui.

Pra gente apertar o interruptor e a lâmpada acender em casa... pra ligar o liquidificador, a televisão, o secador de cabelo, o microondas, o aspirador de pó, carregar o celular... Pra fazer tudo isso, a humanidade teve que ser bem criativa e inventar jeitos de transformar vários tipos de energia em energia elétrica.

A gente já falou aqui da energia de fontes fósseis – queimar carvão, por exemplo, e aproveitar o calor dessa queima.

Tem a nuclear, que aproveita a energia liberada na fissão de átomos.

E a hidrelétrica, a gente sabe, aproveita a energia da movimentação da água.

Um truque é instalar a usina em algum desnível natural de um rio, tipo uma cachoeira. Ou fazer uma mudança artificial no curso do rio – tipo um reservatório ou um desvio que te deixe regular o fluxo de água pra produzir a energia que você quer.

Quer dizer: dá pra gerar energia hidrelétrica até em riozinhos – e tem muito sítio no interior que faz isso, pra consumo próprio.

Só que pra gerar muita energia, pra abastecer indústrias, centros urbanos, por exemplo, esse fluxo de água tem que ser muito intenso e volumoso.

A solução mais convencional pra garantir isso é botar uma barragem e fazer um grande reservatório. Ou seja: alagar um pedaço enorme de terra.

Foi isso que foi feito na construção de várias usinas do Brasil, como Tucuruí, Balbina, Sobradinho... Já Itaipu destruiu a maior cachoeira que existia no país – as deslumbrantes Sete Quedas do rio Paraná –, que desapareceram pra construção do reservatório da usina.

Fazer hidrelétrica no Brasil pode até ter feito muito sentido. Mas essa decisão trouxe a reboque um histórico imenso de danos socioambientais. E nenhum governo, nem de direita nem de esquerda, nunca prestou contas desses estragos.

E até por causa disso, quando as pressões por causa desses danos aumentaram, pintou uma alternativa: as usinas "a fio d'água".

A ideia é criar um reservatório muito menor, e desviar o fluxo natural do rio. Belo Monte acabou sendo construída desse segundo jeito – "a fio d'água". E eu vou falar mais disso já já.

Mas, voltando pro Goldemberg... o que ele tava dizendo é que "desde a controvérsia" de Belo Monte, o Brasil construiu usinas sem grandes reservatórios.

Além de Belo Monte, pra citar dois exemplos: tanto Santo Antônio quanto Jirau – duas usinas feitas no rio Madeira, em Rondônia, também durante o governo do PT – foram feitas "a fio d'água".

As duas foram finalizadas em 2016.

Agora: se por um lado, essas usinas têm teoricamente um impacto ambiental menor... elas têm um impacto maior na eficiência do sistema energético.

Porque um reservatório pequeno depende mais de chuva e fica mais sujeito às flutuações do clima.

José Goldemberg: Porque o regime de chuvas é variável mesmo, em todos os países do mundo. E é variável aqui no país, também.

Giovana Girardi: Sim, os regimes de chuvas sempre foram variáveis, mas essa variação tá oscilando muito mais recentemente, por causa da crise climática.

E isso muda totalmente o cenário de geração de energia hidrelétrica.

Quer dizer: com a escassez, ou pelo menos com a maior variabilidade no regime das chuvas, a lógica puramente energética seria, além de diversificar a matriz, construir grandes reservatórios, pra assim garantir a geração de energia num período de seca.

Mas será que essa é a melhor saída?

Giovana Girardi: Mas o senhor acha que a gente ainda deveria ter os reservatórios, professor? O senhor acha que ainda faz sentido no momento atual?

José Goldemberg: Claro! Eu sempre defendi os reservatórios. O reservatório de Belo Monte que foi previsto, era um reservatório de 500 km²... né? Que inundaria, então, 500 km² de floresta - o que é ruim. Acontece que hoje, sem reservatório, tá sendo desmatado 10 mil km² por ano... todo ano, né? Ou seja, as pessoas perderam a perspectiva, simplesmente, do que está ocorrendo na Amazônia.

Giovana Girardi: Esses 500 km² que o Goldemberg tá citando é o que de fato foi construído. No plano original, o reservatório de Belo Monte ia inundar uma área quase 3 vezes maior.

De todo modo, o que ele tá dizendo é: "ah, não quiseram alagar 500 km² e agora deixam desmatar 10 mil".

Mas não é essa a questão, né?

Giovana Girardi: Tá, mas é que uma coisa não tem relação com a outra, né, professor? Os 10 mil km² que tão sendo desmatados é em outros lugares, é por outros motivos, né?

José Goldemberg: Isso mesmo, mas acontece que fazer grandes reservatórios tem impactos, né? Tava uma tal celeuma, que o governo praticamente abandonou a ideia de construir hidrelétricas com reservatórios.

Giovana Girardi: A "controvérsia", a "celeuma"... Lembra do projeto Brasil 2040? Esquece. O quiprocó que o Goldemberg tá falando não tem nada a ver com a pressão dos cientistas.

José Goldemberg: Belo Monte produz cerca de 5 gigawatts, 5 milhões de quilowatts, que beneficiam uma população de pelo menos 3 milhões de pessoas - que vivem muito longe de Belo Monte, vivem no Rio de Janeiro, em São Paulo, ou nos outros grandes centros urbanos do país. Quer dizer... sabe, Giovana, como tudo no mundo, né? Tudo na vida, né? As coisas têm custos e benefícios, e é preciso balancear os custos e benefícios. Quer dizer, não é possível tomar uma decisão em relação a... a uma hidrelétrica, só por causa das populações ribeirinhas que são atingidas. É claro que é lamentável que elas sejam atingidas, né? Mas há outras que são beneficiadas, né?

Giovana Girardi: Custos e benefícios. Benefícios pra uns. Custos pra outros.

Giovana Girardi: Ô, seu Raimundo, bom dia!

Raimundo Braga Gomes: Bom dia, minha amiga, como é que a senhora tá? Seja bem vinda...

Giovana Girardi: Lembra que lá no finzinho do episódio 4, eu tinha chegado em Altamira, depois de 10 horas de viagem pela Transamazônica, com o Claudio, o Tasso e o Carlão?

Um dos motivos por que eu queria chegar até lá é porque Altamira é um dos lugares mais afetados pela construção de Belo Monte. Mas antes de ir conhecer a região da usina, eu combinei de conversar com um ribeirinho que foi reassentado por causa da obra.

Raimundo Braga Gomes: ... falou pra mim. "Seu Raimundo, o senhor hoje mora numa casa lajotada, toda bonita, bocada de primeira qualidade, e o senhor ainda reclama?" Eu não reclamo da casa, eu reclamo da assistência minha, da minha condição de vida, né? Porque eu não vou comer tijolo, nem parede, nem lajota. É alimentação.

Giovana Girardi: Esse é o pescador Raimundo Braga Gomes – mais conhecido dentro do movimento social como Raimundo "Berro Grosso". Não foi difícil entender o porquê desse apelido quando eu visitei o seu Raimundo na "casinha de primeira qualidade".

Raimundo Braga Gomes: Que que adianta eu ter uma casa chique na cidade e eu não dar conta de pagar o talão de energia?

Giovana Girardi: O seu Raimundo não tava "berrando grosso"... Ele parecia triste. Mas na braveza da fala dele fica claro de onde vem o apelido.

A tal casinha fica na periferia de Altamira, numa habitação popular que milhares de desalojados pela obra da usina ganharam como parte da indenização. Quem pagou foi a Norte Energia – a empresa responsável pela construção e pela operação de Belo Monte.

O seu Raimundo me contou que, além da casinha, a empresa oferece uma ajuda de custo de menos de um salário mínimo por mês pros reassentados.

Raimundo Braga Gomes: Nós hoje tamos vivendo uma vida de vegetação. Ganhando uma verbazinha de 900 reais, e comprando botijão de gás de 120. Pra me deslocar da minha casa pra ir no rio pescar, só de transporte, pra levar meu barco e trazer eu pago 140 reais. E aí vem o combustível, vem o gelo, quando você chega do rio com 50, 60 quilos de peixe você não cobre a despesa. Aí a gente reclama: "A vida tá difícil". Aí a Norte Energia: "Não, a gente tem pesquisador olhando o rio que pesquisou, os cardume tão

umentando". Só que o pesquisador vê o cardume aumentando, e o pescador que conhece o rio não sabe adonde esse peixe tá. Tá aumentando adonde?

Giovana Girardi: É uma relação complicada, né, seu Raimundo? Por um lado, o senhor é crítico, né, à Norte Energia. Mas, por outro, também se não fosse esse dinheiro, o senhor não teria como viver hoje...

Raimundo Braga Gomes: É, hoje eu digo, com a falta de peixe que tirou de dentro do rio, esse dinheiro chegou numa boa hora, né?

Giovana Girardi: Mas também o peixe não tem mais no rio por causa deles, né?

Raimundo Braga Gomes: Eles foi quem tiraram...

Giovana Girardi: Eu tentei ouvir a Norte Energia aqui pro Tempo Quente, mas eles mandaram uma resposta oficial dizendo que não iam se manifestar.

Imagina uma reviravolta dessa magnitude na sua vida. Você tá lá, tranquilo, satisfeito, tocando a sua rotina...

E daí você é obrigado a deixar tudo pra trás – porque sua casa, seu quintal, seus vizinhos, sua rua, seu rio... tudo o que você construiu, tudo com que você tá acostumado... agora é um "obstáculo pro desenvolvimento".

E não é só isso. O seu trabalho também vai ter que mudar. Porque a sua fonte de renda, o seu ganha-pão agora também vai precisar se adaptar ao "progresso".

Raimundo Braga Gomes: Acabou o ramo que eu sabia fazer.

Giovana Girardi: Você até tenta manter alguma normalidade... tenta continuar fazendo o que você sabe fazer... mas, pra conseguir viver – agora, nessas novas condições – você vai precisar contar com a "caridade" de quem te obrigou a fazer essa mudança toda.

Mas é por uma "razão nobre", né? Pra produzir energia.

Raimundo Braga Gomes: A nossa região se sacrificou. Pra construir uma barragem. E essa energia é a mais cara da região! Entendei?

Giovana Girardi: Quanto que é a conta de luz aqui, Seu Raimundo?

Raimundo Braga Gomes: Tem conta de luz que vem 500, 600 reais, conta de luz que vem 800... 200, 300.. Eu não tenho nada na minha casa, na minha casa eu pago 60, 70 reais, 80, 100... Mas eu não tenho nada, cê chega na minha casa tem uma geladeira e mais nada.

Giovana Girardi: Até o jeito que você come precisa mudar.

Raimundo Braga Gomes: Fome eu nunca passei, graças a Deus, mas eu digo pra senhora, eu não tenho comido aquilo que eu comia, eu como aquilo que tem. Muitas vezes, na minha... quando eu morava na minha roça, eu queria comer um frango, eu queria comer um pato, eu queria tomar um litro de açaí, comer uma melancia, eu tinha a hora que eu precisava... Eu tinha uma vida, hoje eu tenho sofrimento.

Raimundo Braga Gomes: Hoje estou vivendo à custa da empresa com esses 900 aí eu tenho virado nos trinta pra mim viver. Né? E eu tenho que gastar 30 reais por dia, só dá pra mim gastar 30, pra gás, energia, meu medicamento que eu tenho problema de saúde muito sério. E a senhora vê aqui...

Giovana Girardi: Nossa, é muito remédio, hein?

Raimundo Braga Gomes: Olha aqui eu vou te mostrar aqui depois só pra senhora ver a minha saúde como é que está.

Giovana Girardi: O seu Raimundo me mostrou uma caixa com todos os remédios que ele precisa tomar pra controlar a pressão alta, a diabetes e outras doenças que ele nem sabia explicar.

Tudo isso faz parte do pacote da vida nova.

Raimundo Braga Gomes: É um sofrimento pra sempre. Isso foi uma dor que vai durar o resto da nossa vida. O Xingu, nós nunca mais vamos ter o nosso rio Xingu. Nós vamos ter a aparência dele, né? De tudo por tudo. As praia, as ilhas, os pedral, as cachoeira, aquela água corrente que nós tinha... hoje nós temos um rio morto.

Giovana Girardi: O que que é progresso? O que que é desenvolvimento?

Raimundo Braga Gomes: Desenvolvimento não existe. Eu não con... não sei se é porque a minha linguagem é diferente, porque eu nunca estudei, e eu não sei o que é desenvolvimento. Mas pra mim desenvolvimento é aquilo que faz o bem pra alguém. Traz algum benefício. Né?

Giovana Girardi: Dá pra justificar todo esse estrago por causa da geração de energia? Mas e se esse estrago não servir nem pra isso?

Quando eu tive por lá em setembro de 2021, Belo Monte tava operando só com 3% da capacidade. Era período de seca, beleza.

Só que desde novembro de 2019, quando todas as unidades geradoras começaram a operar, somente uma vez, em fevereiro de 2021, a usina chegou a alcançar sua

capacidade máxima de geração de energia.

Entre os meses mais secos, principalmente de julho a novembro, a geração é quase nula.

Depois de falar com o Raimundo Berro Grosso, eu tinha uma última parada em Altamira: a sede do movimento Xingu Vivo.

Antonia Melo: Porque o rio Xingu era um rio sazonal, né? É um rio de, é... que... que baixa muito, que são 6 meses de... de verão e 6 meses de inverno.

Giovana Girardi: Essa é a Antonia Melo, coordenadora do movimento Xingu Vivo.

A família da Antonia se mudou do Piauí pra fronteira amazônica em 1953, quando ela tinha só 4 anos de idade – pra ela, o Xingu é casa.

Antonia Melo: Sim, eu sou xinguara.

Giovana Girardi: Nesses quase 70 anos de Xingu, a Antonia testemunhou várias discussões sobre "o progresso" da região. E ela acompanhou de perto estudos que comprovavam o que ela e todo mundo da região já sabiam de observar o rio: que a sazonalidade do fluxo era tão grande, que uma obra "a fio d'água" seria, na real, um "tiro n'água".

Porque era impossível, com um reservatório pequeno, armazenar água suficiente pra fazer a usina funcionar nos meses de seca.

Isso até mesmo antes de botar os efeitos da crise climática na equação.

Antonia Melo: [...] os 6 meses de verão é verão mesmo, forte, de baixar o rio, é... baixar muito! E os pesquisadores diziam que haveria meses que não... poderia não gerar nem um... nem...

Giovana Girardi: Um mínimo.

Antonia Melo: ... nem 1 kilowatt hora, nada. Praticamente, lugares tem que passar até a pé, é... devido à sazonação do rio, seca bastante.

Giovana Girardi: Bom, a gente sabe: esses pesquisadores não foram ouvidos. E a Antonia acompanhou de perto, na linha de frente, a metamorfose da região. E ela já faz isso há muito tempo...

Antonia Melo: Então a história de luta dos movimentos sociais da região de Altamira, da Transamazônica, Xingu, é uma história que iniciou na década de 70.

Giovana Girardi: Com, ah... com, ah... a construção da Transamazônica?

Antonia Melo: [vozes sobrepostas] Com a abertura da... da Transamazônica, né?

Giovana Girardi: Você vê semelhanças, Antonia, entre o que foi a construção da Transamazônica com, por exemplo, o que aconteceu com Belo Monte?

Antonia: Muito, muito, muito!

Giovana Girardi: Na verdade, a ideia de aproveitar a bacia do rio Xingu pra gerar energia surgiu quase na mesma época da Transamazônica, durante o regime militar. Quando o sonho de Brasil Grande era embalado por obras de infraestrutura, como as grandes hidrelétricas.

O projeto inicial era enorme. Os militares queriam construir o Complexo Hidrelétrico de Altamira – que previa duas usinas: Babaquara e Kararaô, com o alagamento de várias terras indígenas.

Foi essa "Kararaô" que acabou saindo do papel bastante modificada, quase 40 anos mais tarde, com o nome de Belo Monte.

Pelo estudo original, concluído só em 89, já no governo Sarney, somente a "Kararaô" inundaria mais de 1.200 km², tipo a área da cidade do Rio de Janeiro.

O projeto só não foi pra frente justamente por causa da resistência dos povos indígenas do Xingu e dos movimentos sociais da região de Altamira.

Antonia Melo: E aí, os indígenas marcaram um grande encontro aqui, em Altamira. Em fevereiro de 89.

Giovana Girardi: Foi o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu – um evento que entrou pra história do movimento indígena e que ficou eternizado por uma foto.

Antonia Melo: O governo mandou aqui o seu representante, que era Antônio Lopes Muniz, que era da Eletrobras, né? Da Eletronorte. E nós fizemos, também, grande movimento apoiando os índios contra Kararaô, né? O complexo Kararaô. A Índia Tuíra, aquele gesto heroico, né? Que passou o facão na cara do representante do governo, né?

Giovana Girardi: Lá no site do Tempo Quente você encontra essa foto da líder indígena Tuíra Kayapó encostando um facão de meio metro na bochecha do então diretor da Eletronorte, o José Antonio Muniz Lopes.

É curioso que "Kararaô", o nome escolhido pra usina, significa algo como "grito de guerra" na língua kayapó.

De fato a grita foi tanta, o movimento indígena conseguiu mobilizar tanto a opinião pública – inclusive internacional – que os planos acabaram suspensos.

Antonia Melo: Então os povos indígenas denunciaram no Banco Mundial, que ia investir, né? Suspendeu esses recursos...

Giovana Girardi: Apesar dessa pressão toda, os "mestres dos magos" do setor energético não desistiram do projeto, mas deram uma boa repaginada nele. Agora ele já se chamava Belo Monte.

E a área alagada – que, no plano original ia ser de mais de 1200 km² – caiu pros cerca de 500 km² que o Goldemberg tava falando. Além disso, eles garantiram que nenhuma terra indígena ia ser alagada.

Só que essas promessas não bastaram pra vencer a resistência.

A população sabia que o barramento do rio, mesmo que menor, deslocaria comunidades de ribeirinhos e afetaria a pesca e outros usos do rio.

Foi o que a gente viu com o Raimundo Berro-Grosso.

Pra completar, o Ministério Público encontrou irregularidades no processo e embargou o projeto.

Antonia Melo: Aí, em 2001, teve aquela história do apagão...

Giovana Girardi: "O apagão de 2001". Se você, ouvinte, tem mais de 30 anos, provavelmente você sabe do que que a Antonia tá falando. Se você hoje tem o bom hábito de não deixar luzes acesas sem necessidade em casa, muito provavelmente você aprendeu isso meio na marra, naquela época.

Talvez você se lembre da ameaça dos blecautes, e da correria pra trocar as lâmpadas e os eletrodomésticos por versões mais econômicas...

Essa crise aguda aconteceu depois de uma queda drástica nas chuvas da região Sudeste. O risco de colapso no sistema de energia era real, e o governo Fernando Henrique mandou grande parte do país reduzir o consumo em 20%.

Essa medida começou em junho de 2001, e valeu por 9 meses.

Todos tiveram que economizar: administração pública, indústria, comércio, residências...A iluminação das ruas foi reduzida, shows e jogos de futebol foram proibidos de acontecer à noite...

Só os serviços essenciais tinham autorização pra continuar normalmente.

Eu vou voltar a falar da crise de 2001, mas, por enquanto, o que importa é entender o contexto em que a gente tava.

O segundo mandato do Fernando Henrique tava na reta final. Ou será que eu devia dizer: tava "no apagar das luzes"?

Foi mal, não resisti.

2002 era ano de eleição; e o Lula foi eleito pela primeira vez...

Antonia Melo: 2003, com a eleição de Lula, nós imaginávamos que, realmente ia ter consideração, respeito pelos povos... escutar, enfim. Todos os movimentos sociais da região era base do PT. O Partido dos Trabalhadores. E aí, eles se dividi... nos dividimos.

Giovana Girardi: A Antônia até titubeou – mas se incluiu aí nesse grupo. Ela também era base do PT em Altamira.

Antonia Melo: Eu saí do PT. É... muitos saíram do PT. Como esse era um projeto do governo federal e de Lula, né? Nós nos dividimos aqui, né? Ficaram aqueles, né? Aqueles movimentos que ficaram calados, mas apoiando.

Giovana Girardi: Apoiando Belo Monte, ou apoiando...?

Antonia Melo: [vozes sobrepostas] Apoiando Belo Monte, né? Apoiando o governo. E os que se revoltaram e disseram "não", e continuaram com a mesma posição.

Giovana Girardi: Quem acompanhou esse processo de perto acha que a influência do PT nessa história acabou sendo crucial pro projeto vingar.

A jornalista Eliane Brum, que vive em Altamira desde 2017 e cobre a história de Belo Monte desde 2011, diz que “só o PT poderia fazer Belo Monte, exatamente porque ninguém acreditava que o PT faria Belo Monte”.

Ela explica como chegou a essa conclusão no livro “Brasil, Construtor de Ruínas”.

A Eliane conta que “a maioria das lideranças dos movimentos sociais da Amazônia era também fundadora do PT na região de Altamira” – justamente as mesmas lideranças que por anos tinham lutado contra a usina dos militares.

E que muitos deles ficaram meio sem chão quando descobriram que o projeto de Belo Monte tava na mesa da então ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff.

O próprio Lula, antes de ser presidente, tinha chegado a dizer que era contra Belo Monte. Mas quando já tava na presidência, o discurso mudou.

Quem se lembra bem disso é o dom Erwin Krautler, o bispo do Xingu que já apareceu por aqui no episódio 4.

Giovana Girardi: Como que o senhor acha que... teve essa... esse momento de virada assim, de ser uma coisa que o PT era crítico, e de repente eles abraçaram como...?

D. Erwin Krautler: Eu chamo isso de... de... como diz isso, de mudança camaleônica... O camaleão se adapta... à natureza, as folhas, né?

Giovana Girardi: O senhor acha que ele se adaptou ao contexto... de pressão, de lobby...?

D. Erwin Krautler: Pressão... não... não sei... não sei dizer pressão. Eu fiquei muito... contrariado com isso. E uma vez ele veio aqui, inclusive também defendeu... Tinha que sair e... exatamente... a... era pra salvar o Brasil, a economia do Brasil, salvar o Brasil do apagão e tudo isso, era sempre o... o discurso foi esse.

Giovana Girardi: D. Erwin contou que se reuniu duas vezes com Lula e cobrou o presidente por isso. O religioso diz que ouviu que era pra eles ficarem tranquilos. Que se Belo Monte não fosse viável, o governo não empurraria a usina “goela abaixo de ninguém”.

Como a gente já sabe, não foi o que aconteceu. E toda essa história acabou levando a um racha nas lideranças locais – entre os que romperam com o governo, e os que continuaram com ele.

E, entre os que continuaram, tinha os que acreditaram que o PT podia conduzir o projeto de uma maneira justa... E os que foram convencidos por outros argumentos...

D. Erwin Krautler: [...] outra desgraça né, cooptação e... pra mim é uma desgraça o... uma agressão mais feia, mais... indigna. Cooptar as pessoas que não estão entendendo ainda o alcance de uma... de um... de um programa, de um projeto, então se coopta financeiramente

Antonia Melo: Belo Monte é um balcão de negócios.

Giovana Girardi: Eu ouvi essa história de muita gente em Altamira – inclusive do dom Erwin e da Antonia Melo:

De que a resistência foi enfraquecida porque o partido cooptou parte do movimento em troca de cargos ou verbas públicas...

Antonia Melo: Eles calaram com projetos, com dinheiro... moto, o escambau! Carro...

Giovana Girardi: Dá pra perceber, pelo tom de voz da Antônia, que ela não tava pra jogo nessa cooptação, né? E ela e d. Erwin foram até Brasília tentar convencer a Dilma a desistir do projeto.

Antonia Melo: O deputado Zé Geraldo, uma das lideranças aqui da região, né? Que é do PT, né? Então ele era deputado federal, na

época, ele convidou um grupo pra ir a Brasília falar com a ministra de Minas e Energia sobre Belo Monte. Aí, eu fui. Eu fui no... nesse meio. Acho que nós éramos 6. Aí nós sentamos numa mesa grande lá no ministério, ficamos lá um pouco, ela demorou a chegar. Ela sentou, os outros tudo ficaram calado, eu tomei a frente: "senhora ministra, Belo Monte não pode sair, né?" Ela não deixou nem eu terminar de falar. Ela deu um murro na mesa e disse: "Belo Monte vai sair".

Giovana Girardi: Aí não teve mais conversa?

Antonia Melo: Foi embora. Levantou e foi embora. Era carta marcada, Belo Monte. Com as empresas, né? E... Não era pela energia.

Giovana Girardi: "Belo monte era carta marcada com as empresas". "Não era pela energia".

Eu lembrei de uma expressão que se ouvia muito quando Belo Monte começou a sair do papel: de que ela ia gerar mais propina do que energia.

Aliás, a gente tentou ouvir a Dilma Rousseff pra este podcast, mas ela não respondeu ao nosso pedido de entrevista.

E essa história da propina me lembrou uma daquelas entrevistas que eu "leveei na bagagem" quando eu embarquei pra Amazônia...

Antonio Delfim Netto: É de uma imbecilidade, Giovana, construir uma usina a fio d'água...

Giovana Girardi: Aqui, de novo, o Delfim Netto, o ex-ministro todo-poderoso do "milagre econômico" da ditadura. O Delfim apareceu aqui no episódio 4, falando de uma das grandes obras faraônicas do governo Médici que tinha o dedo dele: a rodovia Transamazônica.

E agora ele voltou pra falar dessa outra grande obra faraônica – que ele ajudou a defender naquela mesma época, nos anos 70 e 80, quando ela não foi pra frente... e voltou a defender anos mais tarde, já no governo Lula...

Só que aí "do outro lado da mesa".

Durante as investigações da Operação Lava Jato, o Delfim chegou a ser citado por alguns delatores. Eles disseram que o Delfim teria recebido uma propina de 15 milhões de reais pra ajudar a estruturar o consórcio de empreiteiras que ganhou o contrato da obra.

O Delfim tá em cena há tanto tempo na política nacional, que é difícil apontar um evento inédito na biografia dele, né?

Quer dizer: nem foi a primeira vez que o nome dele foi apontado num caso de

corrupção na construção de uma usina hidrelétrica...

Ele já tinha 'ticado' esse item da lista" nos anos 70, na construção da usina de Tucuruí, também no Pará.

No caso da Lava Jato, o Delfim chegou a virar réu na ação. Eu perguntei disso pra ele.

Giovana Girardi: O senhor só pode me explicar... Porque, o senhor acabou se tornando réu, né, nas investigações da Lava Jato, justamente acusado de ter recebido propina da Odebrecht, né, pra fazer Belo Monte. Só queria entender isso assim, como que foi o seu papel nesse momento?

Antonio Delfim Netto: Eu nunca recebi... eu nunca recebi coisa nenhuma. Aquilo é um idiota, esse Dellagnol é um débil mental. Hoje tá provado, é um debiloide. E o Moro é igual a ele. Eu recebi 200 mil reais, como construtor da... Odebrecht e paguei o imposto de renda, registrado. Ou alguém acha que... eu não posso receber 200 mil reais como consultor? Só um imbecil como ele.

Giovana Girardi: Até junho de 2022, quando eu tô gravando esse episódio, o caso ainda não tinha sido julgado. Mas eu quis voltar no assunto da viabilidade da obra.

Quer dizer: se o Delfim acha que fazer Belo Monte a fio d'água foi uma "imbecilidade". Por que ele topou participar do projeto?

Giovana Girardi: O senhor ainda acha que ela deveria ter sido feita?

Antonio Delfim Netto: Eu acho que ela se justifica plenamente. Foi mal feita. Belo Monte teria sido um acerto se tivesse o reservatório.

Giovana Girardi: Mas... assim, visto que não teve reservatório, fez sentido fazer Belo Monte?

Antonio Delfim Netto: Não. Não tem cabimento fazer uma usina a fio d'água.

Giovana Girardi: Então por que o senhor ajudou, professor, que ela fosse feita mesmo assim, né?

Antonio Delfim Netto: Eu não ajudei em nada... Eu tentei ajudar na esperança ainda de que o projeto contivesse um reservatório.

Giovana Girardi: Então, mas aí não tinha né, quando foi pra leilão, quando foi se criar né, os consórcios pra construção, já sabia que não era, já sabia que não ia ter reservatório, já... o licenciamento já tinha sido feito sem, então...

Antonio Delfim Netto: Mas é... mas aí era um fato consumado.

Giovana Girardi: Mas o senhor acha que ela, no final das contas, não se investiu num projeto que tinha tanta inviabilidade quanto por exemplo a história da Transamazônica? Não se repete né, essas inviabilidades dos projetos?

Antonio Delfim Netto: Eu acho que, numa larga medida... é uma coisa parecida. Sem o reservatório, ela nunca seria o que devia ser...

Giovana Girardi: Então talvez não deveriam ter feito?

Antonio Delfim Netto: Não, o melhor é não gastar dinheiro.

Giovana Girardi: "O melhor é não gastar dinheiro". Pois é, só que muito dinheiro foi gasto nisso. Belo Monte fez um rombo de 30 bilhões de reais no bolso dos brasileiros.

Um rombo desse tamanho... pra gerar quase nada de energia em boa parte do ano... e ainda causar um impacto socioambiental gigantesco.

Antonio Delfim Netto: Não tem como mexer na natureza sem produzir impacto ambiental. Se eu quero gerar energia, eu vou produzir um impacto ambiental. Se você não quiser nenhum impacto ambiental, continua índio, e não aporrinha...

Anita Juruna: Eu estava ali filmando um pé de fruta que dá um fruto chamado sarão.

Giovana Girardi: Essa é a Anita Juruna. Ela mora na aldeia Miratu, que fica a pouco mais de 50 quilômetros de Altamira. Logo que eu cheguei na aldeia, eu encontrei a Anita de celular na mão, filmando umas árvores...

Ok, se você é do tipo que vai no Twitter criticar "índio de smartphone"... sem tempo, irmão. Tipo, vai lá comprar tua passagem de caravela pro teu mochilão na Europa... e depois a gente conversa, tá?

Mas voltando aqui pra Anita.

Anita Juruna: Esse sarão é uma fruta que serve de alimento pros peixes aqui.

Giovana Girardi: O sarão, que também pode ser chamado de camu-camu, é uma frutinha redonda e vermelha bem azeda, que lembra um pouco a acerola. Só que mais azeda. Os peixes adoram.

Os pés de sarão nascem nas várzeas dos rios – e os ciclos do arbusto acompanham as fases de cheia e de seca...

Anita Juruna: Tipo, ela, ela conhece o tempo dela, quando é pra ela tá no seco ela resiste a seca.

As frutinhas amadurecem e caem do pé na época da cheia, ou seja: as frutas caem dentro do rio. E aí, elas servem de alimento pro pacu, que é um peixe bem gostoso, bem nutritivo... – e que é um dos principais alimentos dos juruna. Enfim: é um ciclo perfeito!

Ou era.

Anita Juruna: Tem vários pés de sarões que tão morrendo ali. Por causa da seca. Tipo, essa água que está aqui tão distante ela poderia estar lá num pé. Nos pés de sarão.

Giovana Girardi: Por que a seca era mais curta?

Anita Juruna: Porque, é... sempre que chega o tempo da água tá lá no pé dela, não tá mais chegando, aí todo ano que vai passando, a água está se distanciando mais delas e elas estão morrendo. Porque tá ficando fraco tanto a planta quanto o fruto que dá nela. Aí ele vai dar o fruto, mas não vai adiantar, que vai cair no seco, assim como várias outras plantas que dá alimento pro peixe.

Giovana Girardi: E aí esse fruto, não tem pro pacu, aí o pacu fica magro?

Anita Juruna: O pacu fica magro.

Giovana Girardi: Era pra isso que a Anita tava filmando os sarões.

Anita Juruna: Eu fui filmar ali pra mostrar que elas tão morrendo. Eu vou começar a registrar tudo isso, postar em rede social, pro pessoal ver também como que é isso.

Giovana Girardi: A aldeia Mĩratu faz parte da Terra Indígena Paquičamba, que fica na chamada "Volta Grande" do rio Xingu – que, como o nome sugere, é uma curva bem acentuada no leito do rio. Um trecho de mais de 100 km de extensão...

E que praticamente secou depois que a usina de Belo Monte começou a funcionar, em 2016.

Giovana Girardi: Você tem vinte anos, né?

Anita Juruna: Vinte.

Giovana Girardi: Então... a sua infância foi ver seus pais brigando contra Belo Monte, basicamente, né?

Anita Juruna: Sim, meu pai, é...

Giovana Girardi: O pai da Anita é o cacique Gilliard Juruna. E ele foi uma figura importante na resistência à construção de Belo Monte.

Quando a pressão do movimento indígena, dos ambientalistas e dos movimentos sociais não foi suficiente pra barrar a obra,

e se decidiu fazer a usina a fio d'água, num trecho um pouco acima da Volta Grande, foi construída uma primeira barragem no rio Xingu, que alagou mais de 350 km².

A usina passou a controlar o fluxo do rio, o que fez diminuir muito a vazão do trecho seguinte, onde fica a aldeia Miratu.

Gilliard Juruna: Rapaz, é... a gente falando, as pessoas às vezes não acredita, só acredita vendo. Antigamente a gente não via uma seca tão grande como a gente tá vendo agora depois de Belo Monte, né? A gente oia pra esse rio todo seco, a gente não consegue mais navegar... Em 2002, na época era Eletronorte, né, sempre falava que não ia ser impactado tanto. Fizeram até uma condicionante na época de acesso ao lago, ampliação da nossa área. E isso não aconteceu, né? Até hoje a gente vem brigando na justiça...

Giovana Girardi: Agora, com a usina instalada, o cacique Gilliard Juruna redirecionou os esforços pra tentar minimizar o impacto da usina... E fazer cumprir as contrapartidas que a Eletronorte e o consórcio Norte Energia toparam assinar no fechamento do contrato.

O cacique Gilliard me contou que, além do prejuízo na alimentação do pacu, que tá mais magro, a seca na Volta Grande tá prejudicando também a reprodução dos peixes. Inclusive de espécies ornamentais que os juruna vendiam pra garantir uma renda. Ele questiona o monitoramento da vazão do rio, que a Norte Energia faz, mas...

Gilliard Juruna: A Norte Energia faz o monitoramento da empresa, né? E a gente começou a fazer o monitoramento independente pra futuramente bater de frente com o deles e comprovar que realmente tá tendo impacto. Que a Norte Energia pensa, acha que a água tem de chegar nesse nível que é a época do peixe desovar, só que a água tem que chegar num nível, mas ela tem que esperar um tempo, né? Pra esperar o peixe entrar, pra desovar, pro peixinho nascer, pra poder sair. Agora às vezes quando eles soltam a água é num dia, pshhhh, a água encheu, aí no outro dia eles já baixam. O peixe acaba é morrendo, o que entra pra desovar.

Bel Juruna: Sei lá, eu acho que é uma coisa muito inexplicável essa situação do Juruna com o rio não...

Giovana Girardi: Essa é a Bel Juruna, irmã do cacique Gilliard e tia da Anita.

Bel Juruna: É uma ligação muito grande... Era o dia todo! Pescando, brincando e saía, pegava já trazia comida de lá, já assava aqui no seco, voltava de novo. Era assim.

Giovana Girardi: A Bel me contou como a vida mudou desde a chegada da usina.

Bel Juruna: Como a nossa fonte de alimentação também foi afetada, fonte de renda foi afetada diretamente, a gente tá tendo muito impacto, né? Tendo que ter que tá se alimentando com os produtos da cidade... A nossa navegação também a gente encontra bastante dificuldade.

Giovana Girardi: Vocês não conseguem sair de barco?

Bel Juruna: Nós não consegue, né? Quando essa equipe da Norte Energia aí não está aí, a gente encontra muita dificuldade, porque o rio tá muito seco, seco, seco...

Giovana Girardi: Ela sempre acompanhou o Gilliard nas reuniões com as empresas de energia antes da construção de Belo Monte.

Bel Juruna: Reunião e reuniões e reuniões. Nós passava de meses de reunião. Pra discutir, né? A situação da Volta Grande.

Giovana Girardi: E teve uma demanda que eles sempre tiveram nas negociações.

Bel Juruna: Bom, a energia que está gerando é de Belo Monte é da nossa água, nossa água que está lá girando aquelas turbina, né? O mínimo que a gente poderia ter é uma energia de graça, né?

Giovana Girardi: Mas essa demanda nunca foi atendida.

Bel Juruna: Um dia desse eu estava com uns talão lá, lá em casa, atrasado, aí eu fui pagar, tava trezentos e pouco. Mas justamente pra mim não sujar meu nome, né? Tô fazendo esse esforço grande aí pra poder pagar pra não estar com o nome sujo que é muito ruim, né? E falta muita energia, os próprios indígenas que faz a manutenção, sabe? Ele... poste cai, fio quebra. Eles vão lá, emendam, compra o fusível pra colocar... A Norte Energia só vem cobrar.

Giovana Girardi: Em janeiro de 2021, o Ibama chegou a determinar que a Norte Energia aumentasse a vazão do rio Xingu, justamente porque tinha verificado um aumento do impacto neste "trecho de vazão reduzida" do rio, na Volta Grande.

E um aumento da vazão significa: menos água represada, menos geração de energia.

Bel Juruna: Tomara que não gere é nada mais. Desligue de vez, que libera o resto da nossa água e pronto. Eu já até imaginei água

voltando. Oh meu Deus do céu. Oh meu Deus. Coitada...

Giovana Girardi: A crise energética de 2001 também tinha uma crise hídrica na origem – do mesmo jeito que aconteceu agora em 2021. Só que não era só isso... a crise de duas décadas atrás também serviu pra escancarar o fato de que o sistema energético brasileiro tinha falhas.

Bom... Não dá pra dizer que a gente não aprendeu nada com a lição de 2001. Por exemplo: um dos problemas naquela época era que o sistema de transmissão não era tão interligado quanto é hoje.

Pra você ter uma ideia, a região Sul nem precisou entrar no esquema de corte de 20% de energia que o governo Fernando Henrique ordenou, porque lá tava chovendo normalmente.

Só que não dava pra levar a energia de lá pras outras regiões do país que tavam sendo afetadas.

Nessas duas décadas, esse sistema foi melhorado.

Foram construídas mais linhas de transmissão... a ponto de Belo Monte, por exemplo – quando tá gerando – mandar energia pra São Paulo, pro Rio de Janeiro...

Mas outra falha importante do nosso sistema energético que foi escancarada em 2001 foi o fato de que o Brasil era totalmente dependente das hidrelétricas.

Lembra que o Goldemberg falou?

Naquela época, elas forneciam mais de 80% da energia elétrica brasileira.

A gente tinha muito pouca diversidade de outras fontes.

E esse cenário até que mudou também.

Hoje as hidrelétricas fornecem pouco mais de 60% de toda a energia elétrica consumida no Brasil. Quer dizer, teve algum investimento em diversificação.

O pessoal entendeu que não dava pra apostar todas as fichas numa só fonte de energia. Ainda mais numa fonte que depende de chuva.

Mas o problema é pensar em qual tipo de energia a gente vai investir pra continuar diversificando.

A gente viu, no primeiro episódio aqui do Tempo Quente, que a instabilidade da matriz hidrelétrica acabou servindo de "desculpa" pra defender o carvão, lembra?

E o carvão não foi a única fonte fóssil que se beneficiou nessa rabeira. O gás natural também.

E não vamos esquecer o que isso significa, né? Deixar a matriz elétrica mais suja.

Mas eu vou falar disso melhor no próximo episódio.

Porque mesmo com tudo o que a gente viu neste episódio sobre as hidrelétricas... Nem assim a gente virou essa página.

Na rabeira da crise hídrica de 2021, o governo Bolsonaro retomou os planos de construção de usinas ao longo do rio Tapajós, no Pará, que poderiam inundar as terras indígenas Munduruku. Essa ideia já tinha sido suspensa em 2016 pelo Ibama, justamente por causa desse risco. Mas agora, novos estudos de viabilidade foram encomendados.

O Bolsonaro, aliás, também tirou sua casquinha de Belo Monte. A obra teve início em 2011 e teve uma primeira inauguração em 2016, pelas mãos de Dilma, às vésperas dela ser apeada do cargo.

Em 2019, quando entrou em operação a 18ª e última turbina da usina, o Bolsonaro foi lá fazer uma segunda inauguração.

A jornalista Eliane Brum, que escreveu que “só o PT poderia fazer Belo Monte”, bem observou que a usina foi uma obra que uniu os polos políticos.

A Dilma, durante a primeira inauguração, falou que a melhor palavra pra descrever a usina era “grandiosa”. O Bolsonaro não falou nada, mas o então ministro de Minas e Energia, o almirante Bento Albuquerque, que tava ao lado dele, chamou a usina de “obra magnífica”.

A relação histórica do país com hidrelétricas tá parecendo um clássico "se correr o bicho pega, se ficar o bicho come", né? Agora, será que a gente precisa ser assim? Quando eu conversei com a Bel Juruna, que tava chateada e cabisbaixa ao lado do rio Xingu, ela lembrou o óbvio.

Bel Juruna: Hoje em dia existe muita possibilidade de gerar energia com menos impacto.

Giovana Girardi: "Gerar energia com menos impacto".

Hidrelétrica não é a única fonte de energia limpa.

A fixação brasileira com as hidrelétricas com grandes reservatórios acabou foi "embarreirando" o crescimento de outras fontes limpas pras quais o Brasil também "tem vocação".

Um país com quase 100% do território na zona tropical tem muito potencial de captação de energia solar.

Isso sem falar na energia eólica – que dá resultados excelentes em costas e planícies.

E sol e vento também são de graça, né?

Quando Belo Monte foi construída, essas matrizes já tavam "de vento em popa" – com o perdão do trocadilho — em várias partes do mundo.

Eu lembro o tamanho do rebuliço entre os ambientalistas quando a Dilma, num evento de preparação pra "Rio + 20", em 2012, deu o seguinte depoimento:

Dilma Rousseff: Eu acho que nós temos uma missão que é propor um novo paradigma de crescimento que não pareça a alguns absurdamente etéreo ou fantasioso. Porque ninguém também aceita – me desculpem, discutir a fantasia. Eu tenho de explicar para as pessoas como é que elas vão ter acesso à energia. Eu não posso falar: "Olha, é possível só com eólica iluminar o planeta". Não é. "Só com solar". De maneira alguma. Por isso que tem de ter base científica a nossa discussão.

Giovana Girardi: Eu fico um pouco constrangida de pensar que, em 2012, a presidente de uma das maiores economias do mundo tava chamando energia eólica e solar de "fantasia", "sem base científica"...

Mas eu sinto real vergonha alheia de pensar que dez anos mais tarde, ainda tem quem pense assim. Nos últimos dez anos, as tecnologias de geração desses dois tipos de energia avançaram muito. E baratearam muito também.

Uma coisa, aliás, que me chamou muito a atenção quando eu circulei por Altamira, é que a cidade é cheia de placa de energia solar pelas casas e pelos comércios.

E tem muita propaganda de energia solar: tem outdoor, pintura nos bancos nos calçadão em frente ao rio, no muro do supermercado...

Antonia Melo: E aí nós tamos cobrando a possibilidade de se tornar política pública, a energia solar...

Giovana Girardi: Aqui, de novo, a Antonia Melo, do movimento Xingu Vivo.

Giovana Girardi: Me chamou a atenção aqui na cidade...

Antonia Melo: [vozes sobrepostas] Eu coloquei na minha casa esse ano, energia solar.

Giovana Girardi: É? Me chamou a atenção aqui, é... na cidade, que eu vi várias propagandas de energia solar, né?

Antonia Melo: [vozes sobrepostas] Sim, tem muita gente colocando.

Giovana Girardi: E é curioso isso, né? Quer dizer, no lugar onde tem uma hidrelétrica...

Antonia Melo: Exato.(risos) Pra mim, sempre foi um sonho, né? Tenho uma raiva, desde que eu soube que barragem é uma desgraça, tenho

raiva dessa energia convencional.

Giovana Girardi: No próximo episódio de Tempo Quente, a gente vai ver como é que o Brasil tá, no meio dessa crise hídrica, empacado numa encruzilhada entre as fontes fósseis e as renováveis.

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira e da Flora Thomson-DeVeaux.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também fez produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendes e a sonorização é da Paula Scarpin e da Júlia Matos.

A direção de locução é da Mika Lins.

Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos, em São Paulo.

Nossas transcritoras foram Laura Rellstab e Bel Baroni.

A checagem é do Emerson Kimura. A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris Vasconcellos. As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho. A edição do nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios da TV Brasil.

Na apuração desse episódio, a gente ouviu muito mais gente do que aparece aqui. Então queria agradecer também a Josefa de Oliveira da Silva, Maria de Fátima Dias de Souza, Maria Elena de Araújo Silva, Marcelo Salazar, Maurício Tolmasquim, Ricardo Baitelo, Roberto Schaeffer, Sérgio Leitão, Suely Araújo e Verena Glass.

Obrigada e até semana que vem.